


Infâncias: uma abordagem envolvendo literatura, cinema e a vida real

Rosely Monte Souzaⁱ 

Universidade estadual do Vale do Acaraú, sobral, CE, Brasil

Andrea Abreu Astigarragaⁱⁱ 

Universidade estadual do Vale do Acaraú, sobral, CE, Brasil

1

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo comparar a concepção de infância entre Carlos, menino de engenho, obra literária de José Lins do Rego, Pacu, personagem do filme Abril Despedaçado e a infância de uma das pesquisadoras. É uma pesquisa de abordagem qualitativa descritiva, de análise de infâncias tanto da literatura, do cinema e da vida real, discutido as diferentes formas de infância e como elas sofrem influência do contexto onde vivem. São perceptíveis as diferenças sociais e econômicas entre as três histórias, o privilégio de ser um menino de engenho, com as oportunidades diferentes na escolarização, a presença do trabalho infantil - fruto de subsistência e negação das políticas públicas. Assim como as semelhanças entre as formas de brincar, os conflitos familiares, a ausência da mãe.

Palavras-chave: Infância. Literatura. Cinema. Memórias.

Childhoods: an approach involving literature, cinema and real life

Abstract

This research aims to compare the conception of childhood between Carlos, a mil boy, literary work by José Lins do Rego, Pacu, character in the film Abril Despedaçado and the childhood of one of the researchers. It is a research of qualitative descriptive approach, of childhood analysis both of literature, cinema and real life, discussing the different forms of childhood and how they are influenced by the context where they live. The social and economic differences between the three stories are noticeable, the privilege of being a boy of mills, with different opportunities in schooling, the presence of child labor - the result of subsistence and denial of public policies. As well as the similarities between the ways of playing, family conflicts, the mother's absence.

Keywords: Childhood. Literature. Cinema. Memoirs.

1 Introdução



Esta pesquisa tem como objetivo comparar a concepção de infância de Carlos, Menino de Engenho, da obra de José Lins do Rego. Com a infância de Pacu, o menino do filme Abril Despedaçado e a infância de uma das pesquisadoras.

A ideia desta pesquisa surgiu após dar início no programa de monitoria voluntária, na disciplina de História Social da Infância, no curso de Pedagogia, na Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Em uma das reuniões de planejamento da monitoria, a orientadora sugeriu aos monitores, livros de literatura com a temática infância como complemento de ideias acerca dos temas abordado nas aulas. Eu fiz a leitura do livro Menino de Engenho, de José Lins do Rego. No decorrer das aulas, assistimos ao filme Abril despedaçado. Foi então que percebi a semelhança entre a infância do Carlinhos - personagem da obra literária com a minha infância e correlacionei também com a infância de Pacu, personagem do filme Abril Despedaçado.

Ao ler a obra, percebi na história de Carlos muitas passagens que lembravam a minha infância no interior, onde cresci com minha avó e meus tios/tias que me tratavam como filha. As semelhanças também estavam presentes nas brincadeiras. As semelhanças que encontrei entre minha infância e de Pacu, foi no fato de ter me tornado responsável muito cedo tendo que exercer tarefas em casa e ajudar minha mãe.

Esta pesquisa toma como base teórica os estudos de Philippe Ariés (1981) sobre História Social da criança e da família. Ele deixa claro em suas pesquisas que “[...] a criança sempre existiu, mas constata-se que o sentimento de infância era ausente até o século XVI, surgindo a partir do século XVII e XVIII”.

O sentimento da infância não significava o mesmo que afeição pelas crianças: corresponde a consciência da particularidade infantil, essa particularidade que distingue essencialmente a criança do adulto, mesmo jovem. Essa consciência não existia. (ARIES, 1981, p.99)

Na idade média a criança era vista como *adulto em miniatura* e circulava em ambientes destinadas hoje apenas a adultos, elas participavam e realizavam as mesmas atividades que seus pais.

[...] concepções sobre infância como período de insignificância, como um tempo de aprender para ser logo um adulto civilizado e da criança como um ser que



não precisava ser ouvido, fazem parte do nosso imaginário social. Na mentalidade da maioria dos adultos a criança é um ser que pouco ou nada tem a dizer. (REDIM apud MAIA 2012, p.25).

A criança era subordinada aos adultos, não podia falar pois não eram ouvidas, não eram levadas a sério. A infância era negada.

[...] já sabemos que são os adultos quem falam das/sobre as crianças e que isso faz parte de uma das linhas de processos que chamamos de socialização. É o adulto que fala na nossa hierarquia ordem discursiva. É importante destacar que não há algo na fala das crianças que seja excepcional ou diferente (apesar de que pode casualmente até haver), mas a criança ao falar, faz uma inversão hierárquica discursiva que faz falar aquelas cujas falas não são levadas em conta, não são consideradas (FINCO; FARIA, 2011, p.24)

É por meio da interação social que a criança compreende e interpreta o mundo, levando em consideração as questões históricas, culturais e sócio econômicas do lugar onde vivem, estes são fatores que certamente influenciaram na infância das crianças.

As condições sociais e culturais são heterogêneas, mais incidem perante uma condição infantil comum: a de uma geração desprovida de condições autônomas de sobrevivência e de crescimento, e que está sob o controle da geração adulta. A condição comum da infância a sua dimensão simbólica nas culturas da infância. (SARMENTO apud MAIA 2012, p.27).

Maia (2012) deixa claro isso nos seus estudos, que o meio influencia de forma positiva e negativa no desenvolvimento das crianças. Isso indica que tudo e todos que mantêm contato com a criança poderão influenciar em seu desenvolvimento. Castro (2020, p.47) menciona que:

[...] não é displicente uma concepção de cidadania da infância que acolhe as crianças como seres humanos plenos, capazes, competentes e, nessa medida, sujeitos ativos, participativos de decisões na definição dos seus projetos de vida e nas demais questões que influem no seu devir.

A criança é um ser social dependente que precisa de atenção, cuidados especiais e principalmente ser ouvido pelos adultos. A ludicidade é uma forma de desenvolvimento pessoal e socialização como Quixadá (et al, 2018) fazem alusão em seus estudos.

2 Metodologia



A pesquisa foi de abordagem qualitativa descritiva que tem como objetivo fazer um estudo, análise, registro e a interpretação dos fatos. Brand e Hobold (2019); Fonseca e Bierhalz (2018) são autoras que fazem reflexões importantes acerca da abordagem qualitativa em pesquisas.

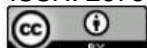
Soares (2020) reflete sobre os estudos qualitativos como uma diversidade de dados empíricos, como análise de documentos, notas de campo, entrevistas, observações, com a finalidade de compreender ou interpretar os fenômenos em seus cenários naturais e os significados que as pessoas a eles atribuem.

Halbwachs (1990) vai analisar os *quadros sociais da memória*, considerando que as reminiscências não ficam adstritas ao mundo da pessoa (relações entre o corpo e o espírito, por exemplo), mas perseguem a realidade interpessoal das instituições sociais. Portanto, a memória do indivíduo depende do seu relacionamento intersubjetivo, tais como, o grupo familiar, a classe social, a escola formal e não formal, com a doutrinação religiosa, com a profissão. Enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo.

Lembramos porque os outros e a situação presente nos fazem lembrar: “O maior número de nossas lembranças nos vem quando nossos pais, nossos amigos ou outras pessoas no-las provocam” (BOSI, 1994, p.31). Assim, Halbwachs amarra a memória da pessoa à memória do grupo e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade.

O que Halbwachs (1990) também realça é a iniciativa que a vida atual do sujeito toma ao desencadear o curso da memória. Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual.

3 Literatura: A infância do menino de engenho



A história de Carlos – Menino de Engenho - se passa às margens do rio Paraíba. Narra a sua infância, a adolescência, convivência familiar e sua partida do engenho para estudar na cidade grande. O autor descreve, entre várias recordações, as suas brincadeiras no engenho, aprendizado das primeiras letras e o amor maternal que tia Maria sentia por Carlos.

O menino tem uma linhagem familiar elitista, cheio de privilégios, mas acaba sofrendo com a morte da mãe, e fora separado do pai, que foi internado em um hospício pelo homicídio de sua esposa. Depois desta tragédia familiar, Carlinhos foi morar com seu avô materno - José Paulino - dono do Engenho Santa Rosa, na zona canavieira, às margens do Rio Paraíba.

No engenho, Carlinhos apesar de feridas sentimentais que nunca iriam se curar, teve uma infância livre com os moleques de sua idade: "[...] nadavam como peixes, andavam a cavalo, soltavam papagaio, brincavam de pião, de jogar castanha [...]. Viviam felizes e soltos “[...] com o pé no chão e a cabeça no tempo”. (REGO, 2012, p. 77).

É notório também que Carlinhos teve sempre com quem contar quem lhe apoiasse desse amor e proteção. O menino afirma que: “[...] tia Maria ficou toda em cuidados comigo [...] passava o dia a me ensinar as letras”. (REGO, 2012, p. 38). Carlos foi um menino privilegiado não só em casa, mas também por ter aprendido a ler e escrever. A escola:

[...] toda de gente pobre. Havia para mim um regime de exceção. Não brigavam comigo. Existia um copo separado para eu beber água e um tamborete de palhinha para o neto do coronel Zé Paulino. Os outros meninos sentavam-se em caixões de gás. Nas sabatinas nunca levei um bolo, mas quando acertava, mandavam que desse nos meus competidores. (REGO, 2012, p. 55).

Carlinhos tinha consciência de seus privilégios e da desigualdade entre ele e seus colegas.

4 Cinema: A infância de Pacu



A infância de Pacu - menino que protagoniza o filme Abril Despedaçado - é pobre e difícil. Sua realidade é cheia de privações e negligência, tanto por parte de seus pais, que não lhe davam a devida atenção e respeito, quanto por conta da ausência de políticas públicas do estado.

Pacu é filho de pais agricultores que cultivavam para a sobrevivência diária. Viviam do plantio de cana e da produção de rapadura. Pacu trabalhava na produção de rapadura com seus pais e seu irmão Tonho. Viviam para o trabalho e não podiam questionar nada, pois para os pais do menino todos tinham um destino traçado que era trabalhar e quando chegasse a hora os filhos deveriam disputar a terra, que um dia foi deles, com outras famílias. Mesmo que isso custasse suas vidas.

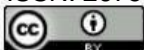
Essa família vivia no sertão isolado de tudo e refém da violência devido a disputa de terras. Vivenciavam uma realidade dura e violenta onde todos foram privados de algo, mas para Pacu foi negada a infância, o direito de ser criança e desfrutar desta fase única na vida do ser humano, ou seja, o brincar e ser livre, sua educação foi negligenciada, pois ele não frequentava escola.

Sua própria identidade foi negada - o garoto não possuía nome - Era chamado de menino. Pacu, recebeu esse apelido de um desconhecido que encontrou na estrada. Ganhou um livro da companheira deste desconhecido. Como não sabia ler, inventava, imaginava as histórias do livro através das ilustrações.

5 Vida real: Minha infância

Tenho 24 anos de idade. Minhas lembranças de quando eu fui criança foram excelentes. Morava na zona rural da Meruoca, interior do estado do Ceará, com a minha avó e meus tios. Lá eu era livre para ser criança sem preocupações. Minha única obrigação era ir para a escola e tirar boas notas. Só com o passar dos tempos esta realidade foi se adequando aos novos tempos da minha família.

Na minha memória o que está marcado são as brincadeiras, onde eu experimentava todas as formas de felicidade, me permitia viajar na imaginação, conhecer





novos lugares, ser diferentes pessoas e ter diferentes profissões. Brincava o dia todo quando não estava na escola, no terreiro de casa, subindo em árvores caindo e subindo de novo, correndo com os primos, andando de bicicleta, nadando no rio, tomando banho de poço e cachoeira, brincando de carrinho, de boneca. Enfim, sendo criança e aproveitando essa fase linda que é a meninice.

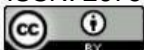
7

Por volta dos 8 anos de idade, minha avó – que me criou e que chamo de mãe - começou a me designar tarefas domésticas a serem cumpridas diariamente. Então, eu só podia sair para brincar depois de arrumar a casa, lavar a louça e pegar água no poço. Um tempo depois minha mãe já me iniciava na cozinha, para fazer a comida. Minha mãe-avó sempre dizia: "Trabalhar em casa não mata ninguém. Ensina para a vida e ajuda para a formação de caráter".

Todo o dia antes de sair para o trabalho minha mãe-avó me deixava responsável por algumas tarefas em casa, e, de acordo com o que eu ia crescendo, essas responsabilidades iam aumentando e eu ia me tornando cada vez mais adulta antes do tempo. Mas nunca deixei de ser criança e nem de vivenciar toda a minha infância.

6 Conclusão

Esta pesquisa foi muito significativa no âmbito pessoal e social, em virtude de discutir a infância numa abordagem na literatura e no cinema, comparando-a com uma infância real. Através desta pesquisa pude perceber claramente que há uma diferença entre Infância Real e Infância Ideal. Carlinhos, Pacu e eu vivenciamos de formas distintas nossas infâncias. E isso nos levou a perceber que as crianças também passam por problemas que, de alguma forma, alteram o verdadeiro sentido de ser criança e de viver a infância, quando desde cedo, assumem responsabilidades, nas quais deveriam ser de um adulto e não de uma criança. Quando há negligência da família e ausência ou descumprimento das políticas de proteção à infância.





Fui uma criança que, como Carlinhos, frequentava a escola, me divertia e brincava com os amigos. Há dezesseis anos, quando eu tinha oito anos de idade, eu realizava atividades domésticas, ajudando minha mãe-avó nos serviços de casa, como Pacu, que desde criança ajudava seus pais no trabalho.

As obras de arte estão repletas de narrativas inspiradas e inspiradoras e com o auxílio revelador e catártico do se ver em uma boa obra literária ou cinematográfica é que nos identificamos no espelho da arte, onde se revelam tanto o dentro quanto o fora. Acredito que assim podemos buscar as forças para enxergar e enfrentar situações que, embora sejam apenas circunstanciais, nos parecem, ao longo da vida, condicionantes.

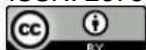
São perceptíveis as diferenças sociais e econômicas entre as três histórias, o privilégio de ser um menino de engenho, com as oportunidades diferentes na escolarização, a presença do trabalho infantil - fruto de subsistência e negação das políticas públicas. Assim como as semelhanças entre as formas de brincar, os conflitos familiares e a ausência da mãe. Isso tudo não deixa de unir, sob perspectivas próprias, porém similares, as influências que o brincar de qualidade e lúdico pode exercer sobre o futuro do ser social que nos tornamos quando adultos. Respeitar a fase inicial de formação de um ser humano e suas particularidades deve ser obra de todos. Deve-se lutar para que não haja retrocesso e que se garanta, a todas as crianças, o direito a uma infância real.

Referências

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. LTC-livros técnicos e científico editora S.A. Rio de Janeiro, RJ. 1981.

ASTIGARRAGA, Andrea Abreu. Memória na formação do educador infantil: as universitárias e suas lembranças da infância. In: VASCONCELOS, Maria de Fátima da Costa et.al. (Orgs.). **Modos de brincar, lembrar e dizer: discursividade e subjetivação**. Fortaleza, Edições UFC, 2007.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 4 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.





BRANDT, Andressa Grazielle. HOBOLD, Márcia de Souza. Práticas como componente curricular na disciplina de pesquisa e processos educativos do curso de Pedagogia: um diferencial na relação entre Pesquisa Teórica e Prática. **Educação & Formação**, Fortaleza, v.4, n.11, p. 142-160, 2019. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/319> Acesso em: 03 jul. 2020

CASTRO, Helga Cláudia. A criança em tribunal: interseção dos espaços da justiça e do exercício dos direitos de participação. **Educação & Formação**, Fortaleza, v.3, n.13.p,41-58, jan./abr.2020. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/1940>. Acesso em: 03 jul. 2020

FILME: ABRIL DESPEDAÇADO. Diretor: Walter Salles. Produtor: Arthur Cohn. Salvador. Miramax, 2002. Blu-ray. 105 minutos.

FINCO, Daniela. FARIA, Ana Lucia Goulart. A pesquisa com crianças em infâncias e a sociologia da infância. *In: Sociologia da Infância no Brasil*. São Paulo. Autores associados, 2011.

FONSECA, Eril Medeiros da. BIERHALZ, Crisna Daniela Krause. Contexto local como elo entre ciência da Natureza e Educação do campo. **Educação & Formação**, Fortaleza, v.3, n.7, p. 66-84, jan./abr. 2018. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/172>. Acesso em: 03 jul. 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice Editora dos Tribunais, 1990.

MAIA, Janaina Nogueira. **Concepção de Crianças, Infância e Educação dos Professores de Educação Infantil**. Campo Grande, 2012. 135p. Dissertação de (mestrado) Universidade Católica Dom Bosco. Disponível em:

<https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/11459-janaina-nogueira-maia.pdf>. Acesso em 08 de setembro de 2019

QUIXADÁ, Luciana Martins. LINS, Sylvie Ghislaine Delacours Soares. TAVARES, Ana Carolina Pontes. O Lúdico como atividade discursiva e como uma via para a formação do leitor: Teoria e relato de pesquisa em uma escola pública em Fortaleza- CE.

Educação & Formação, Fortaleza, v.3, n.7, p. 182-199, 2018. Disponível em:

<https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/178> Acesso em: 03 jul. 2020

REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. 104 edição. José Olympio editor. Rio de Janeiro, 2012.





SOARES, Maria Perpétua do Socorro Beserra. Formação Permanente de Professores: um estudo inspirado em Paulo Freire com docente dos anos iniciais do Ensino Fundamental. **Educação & Formação**, Fortaleza, v.5, n.13, p.151-17, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/1271> Acesso em: 03 jul. 2020

ⁱ **Rosely Monte Souza**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9535-9088>

Curso de Pedagogia, Universidade Estadual Vale do Acaraú
Graduanda no Curso de Pedagogia - Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA.
Bolsista de iniciação científica no Programa de Bolsa de Permanência Universitária – PBPU – UVA.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1558658907529729>
E-mail: roselym380@gmail.com

ⁱⁱ **Andrea Abreu Astigarraga**, ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-9614-1999>

Curso de Pedagogia, Universidade Estadual Vale do Acaraú
Profa. Dra. Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA. Mestre e Doutora pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Pós-Doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Contribuição de autoria: orientadora.
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6355941154537341>
E-mail: astigarragandrea@yahoo.com

Editora responsável: Cristine Brandenburg

Como citar este artigo (ABNT):

SOUZA, Rosely Monte; ASTIGARRAGA, Andrea Abreu; Infâncias: uma abordagem envolvendo literatura, cinema e a vida real. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 2, n. 2, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3578>

